

6 CORDIALIDADE E POSSESSIVOS DE 2^a. P EM PB: COMO SE ATIVAM E SE MANIFESTAM OS MODELOS COGNITIVOS CULTURAIS.

Veamos agora mais detalhes sobre o modelo teórico utilizado, o qual considera a cultura enquanto produto de operações cognitivas, isto é, corpórea situada, como um sistema conceitual (KÖVECSES, 2017), e que também incorpora os elementos dos estudos históricos e antropológicos, em especial como proposto por Ariès ([1978] 2011) e Braudel ([1958]1982). Nessa perspectiva, chamamos grupo cultural um grupo de pessoas que conceptualizam mais ou menos da mesma maneira, compartilhando os mesmos modelos culturais (SHARIFIAN, 2011). Nessa visão, o que se chama de cultura é um sistema conceitual de valores, crenças e tradições. Esse sistema torna-se um modelo cognitivo à medida que é composto por conceptualizações culturais negociadas e renegociadas pelos membros do grupo (SHARIFIAN, 2011, 2017).

Em síntese, nossa proposta de modelos culturais são modelos distributivos emergentes, distribuídos de maneira heterogênea entre a comunidade de fala ao mesmo tempo que dela emerge (SHARIFIAN, 2011). Modelos culturais devem ser compreendidos como sinônimos de esquemas culturais ampliados (D’ANDRADE, 1987; STRAUSS; QUINN, 1998; KRONENFELD, 2008; BENNARDO; MUNCK, 2014), quais sejam, espécies de repositórios de crenças, valores e expectativas de comportamento baseados em nossas experiências vivenciadas e compartilhadas.

Posto isso, a cordialidade, tal como intuída por Holanda ([1936]2015) e por outros pensadores do Brasil, antes e depois dele

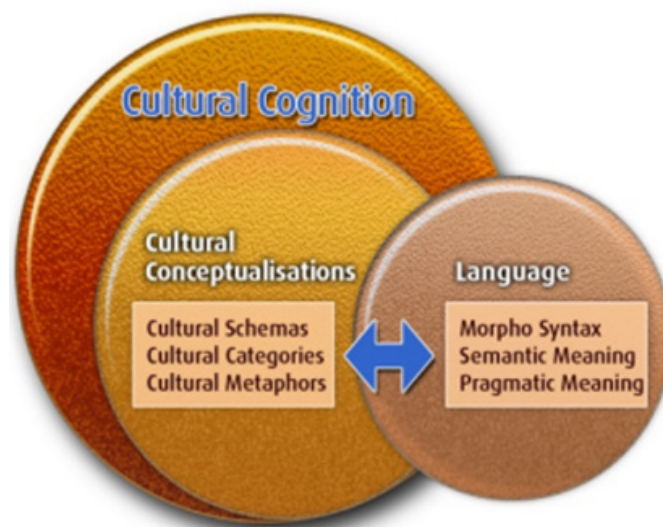
(VIANA, [1920]2005; FREYRE, [1933]2003; PRADO JR., [1942] 2011, para citar alguns), é para nós um modelo cultural no qual esquemas de crenças, valores e comportamentos esperados são avessos à impessoalidade. Quando Holanda, por exemplo, expõe sobre a reorganização da sociedade brasileira rumo à urbanização ou, nas já referidas palavras de Avelino Filho (1988), da “desagregação daquilo que se convencionou chamar de Brasil Colônia e o consequente enfraquecimento da cordialidade”⁶⁷, entendemos que a isso podemos associar Sharifian (2017, p. 31, tradução nossa) ao definir que “[...] um aspecto importante de nossa vida conceptual é o que pode ser chamado de reconceptualização de conceptualizações culturais”⁶⁸. Contudo, como também exposto anteriormente, tal reconceptualização está no tempo histórico da longa duração (BRAUDEL, [1958]1982), ainda registrado e identificável linguisticamente, posto que negociado e renegociado pelos membros do grupo cultural com e pela linguagem (SHARIFIAN, 2011).

A Figura 10 permite visualizar a proposta do modelo teórico como trabalhado por Sharifian (2017), especificamente no que tange a linguagem. Na Figura 11, em seguida, cotejamos a representação da Figura 10 com o fenômeno de variação/mudança analisado considerando a cordialidade como modelo cultural:

67 A intenção aqui é mostrar que a cordialidade entendida como modelo cultural compreende a percepção (já trazida por outros autores) de que é mutável, “não essencial”, mas não necessariamente defender seu enfraquecimento com a urbanização.

68 [...] an important aspect of our conceptual life is what can be referred to as the reconceptualization of cultural conceptualizations.

Figura 10 – Modelo teórico e analítico da Linguística cultural

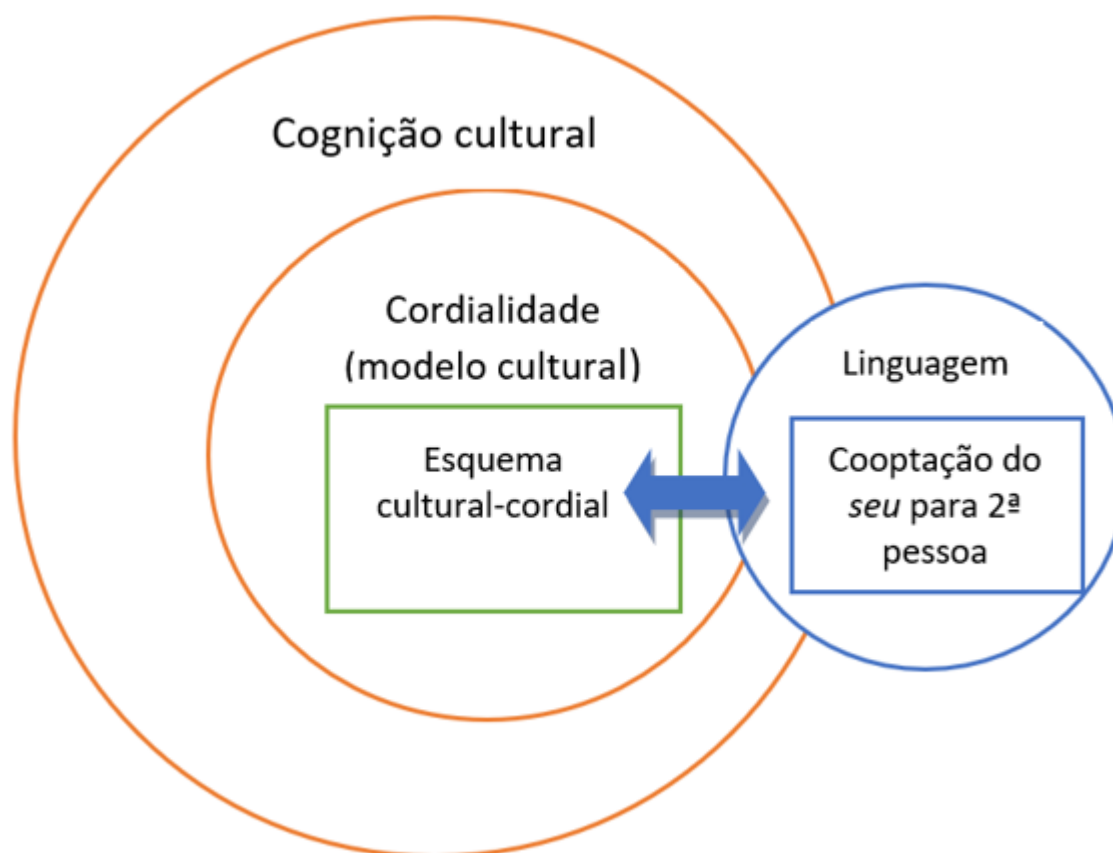


Fonte: Sharifian (2017, p. 31).

Observa-se na Figura 10 que o modelo cultural é representado pelo autor como conceptualizações culturais mais complexas, compostas de esquemas, metáforas e categorias culturais. Tais construções conceptuais realizam-se e/ou manifestam-se linguisticamente na morfologia, na sintaxe, na semântica e na pragmática. Consideramos, como já explicitado, o fenômeno de variação/mudança do uso em PB do pronome de 3ª pessoa *seu* no tratamento da 2ª pessoa diretamente motivado por um esquema cultural. O fenômeno de cooptação de um pronome de 3ª pessoa para o lugar da 2ª é, assim, resultado da manifestação de um modelo cultural de aversão à impessoalidade. Parafraseando Boas (1911, p. 67), temos o modelo cultural moldando a língua.

A representação gráfica do modelo cultural, considerando a proposta deste livro, que acaba de ser resumida, é como segue:

Figura 11 – Modelo cultural linguístico e a forma *seu*



Fonte: Elaborada pela autora (2021) A partir de Sharifian (2017).

Dito de outra maneira, na Figura 11, considerando que a cognição é individual, mas também processo coletivo, temos que a cordialidade ocupa o lugar de modelo cultural na cognição coletiva cultural e é constituída por um esquema cultural cordial, o que significa que apresenta valores e expectativas de comportamento menos formal, mais afetivo e mais pessoal. Tal construção conceptual realiza-se e/ou manifesta-se linguisticamente na cooptação de *seu* para posição de 2ª pessoa.

Se, então, a cordialidade é um modelo cultural e um mesmo indivíduo pode compartilhar de mais de um modelo cultural com outros indivíduos (SHARIFIAN, 2011), como funcionaria a “ativação” desse modelo específico na construção do sentido? A resposta pode se beneficiar das reflexões de Müller (2008, p. 190) acerca da ativação de metáforas cognitivas na comunicação para

compreender a ativação das conceptualizações em geral. Para a autora, a ativação de uma metáfora depende de contextos verbais específicos e de formas de uso específicas:

A lógica subjacente a este argumento é inspirada por uma visão fundamental fornecida pela etnometodologia e análise de conversação: os coparticipantes em uma interação mostram reciprocamente o que é pertinente para eles no momento da fala. Portanto, sugiro que uma expressão metafórica tornada saliente por um falante ou escritor para um coparticipante deve ser de alguma forma saliente para o próprio falante também. Colocando de outra forma, o que é construído como interativamente (ou interpessoalmente) saliente pode ser considerado intrapessoalmente saliente (e tal saliência implica ativação dos conceitos salientes no falante). (MÜLLER, 2008, p. 202)

Ao tratar da metaforicidade no caso da ativação de metáfora verbal, Müller (2008) considera que, ao usarmos uma expressão metafórica ela já está ativa conceitualmente para quem a comunica. Nas palavras de Barbosa (2020, p. 21) “O emprego dos indicadores de metaforicidade serve para salientar os elementos semânticos presentes no domínio-fonte da metáfora”. Esses indicadores poderiam ser gestuais ou linguísticos, conforme o tipo de interação, considerando a multimodalidade da linguagem. Esses elementos ressaltados pelo falante ativariam a metáfora para o interlocutor e, conseqüentemente, o sentido. Por exemplo, ao processarmos o uso do diminutivo com sentido de afeto como metafórico, já estaria saliente no falante, quando se emprega o morfema *-inho*, a metáfora que relaciona tamanho reduzido com proximidade e afeto (apenas como suposição: o que pode sustentar essa metáfora, no sentido de Lakoff e Johnson ([1980]2003), pode ser o uso de diminutivo comum na interação com crianças). O que propomos é dar um passo além e afirmar que quem fala tem em si ativo o modelo cultural, e o uso

do *-inho*, por exemplo, seria uma indicação verbal para ativar, por meio da metáfora, o modelo cultural no outro.

Assim, por similaridade, propomos que elementos linguísticos, verbais ou não-verbais, possam ativar conceptualizações culturais. E pela ativação de uma conceptualização cultural pode-se ativar o modelo cultural ao qual pertence. Na interação comunicativa haverá, então, elementos linguísticos salientados pelo emissor que ativam o modelo cultural do qual se parte, que é também ativado no interlocutor, ainda que os coparticipantes não estejam, é claro, plenamente conscientes disso (ARIÈS, [1978] 2011; BERNNADO; MUNCK, 2014; SHARIFIAN, 2011).

Há, contudo, uma divergência entre nossa visão e o que propõem Bernnado e Munck (2014): aquilo que chamamos de modelo cultural não é um repositório, aparentemente estático, como querem esses últimos. Aproximando-nos de Ibarretxe-Antuñano (2013), afirmamos que uma vez ativado o modelo cultural, inicia-se o processo pelo qual se filtra a realidade, ocorrendo participação do modelo na construção do significado. A construção e a compreensão do sentido bem-sucedidas dependeriam, assim, dessa ativação. Esses elementos de ativação, verbais ou não-verbais⁶⁹, devem, pois, trazer em si características desse modelo cultural, tal como na metaforicidade trazem elementos semânticos do domínio-fonte. No caso da ativação da cordialidade, seria preciso que tais elementos trouxessem pessoalidade (intimidade), afetividade e/ou ausência de formalidade. Assim, mais uma vez chegamos aos fenômenos de

69 Sobre a possibilidade de elementos verbais ou não-verbais manifestarem e salientarem elementos para ativação do modelo cultural, pensamos em um estudo de Shöreder e Silva (2020) acerca do “jeitinho”. Nele os autores discutem a cultura brasileira sob a perspectiva cognitivo-interacionista. A partir dos estudos do antropólogo Roberto Da Matta, que define o brasileiro como aquele que sabe “que não existe jamais um ‘não’ diante das situações formais e que todas admitem um ‘jeitinho’ pela relação pessoal e pela amizade” (DA MATTA, 1986, p. 12 *apud* SHÖREDER; SILVA, 2020, p. 120), os autores identificam esse traço cultural com o conceito de cordialidade de Holanda ([1936]2015), que seria um tratamento mais amplo do “jeitinho” (SHÖREDER; SILVA, 2020, p. 121). Em seu trabalho, os autores observam que os participantes da interação analisada na pesquisa constroem o conceito em questão de forma multimodal.

variação, em especial ao nosso objeto de estudo: a variação/mudança *seu* de 3ª pessoa/*seu* de 2ª pessoa como indicador linguístico verbal do esquema cultural cordial de tratamento; em outras palavras, o descolamento, a cooptação de um pronome de 3ª pessoa para expressar 2ª pessoa, mais próxima e pessoal, como ativadora de um esquema cultural, isto é, do modelo cultural cordial.

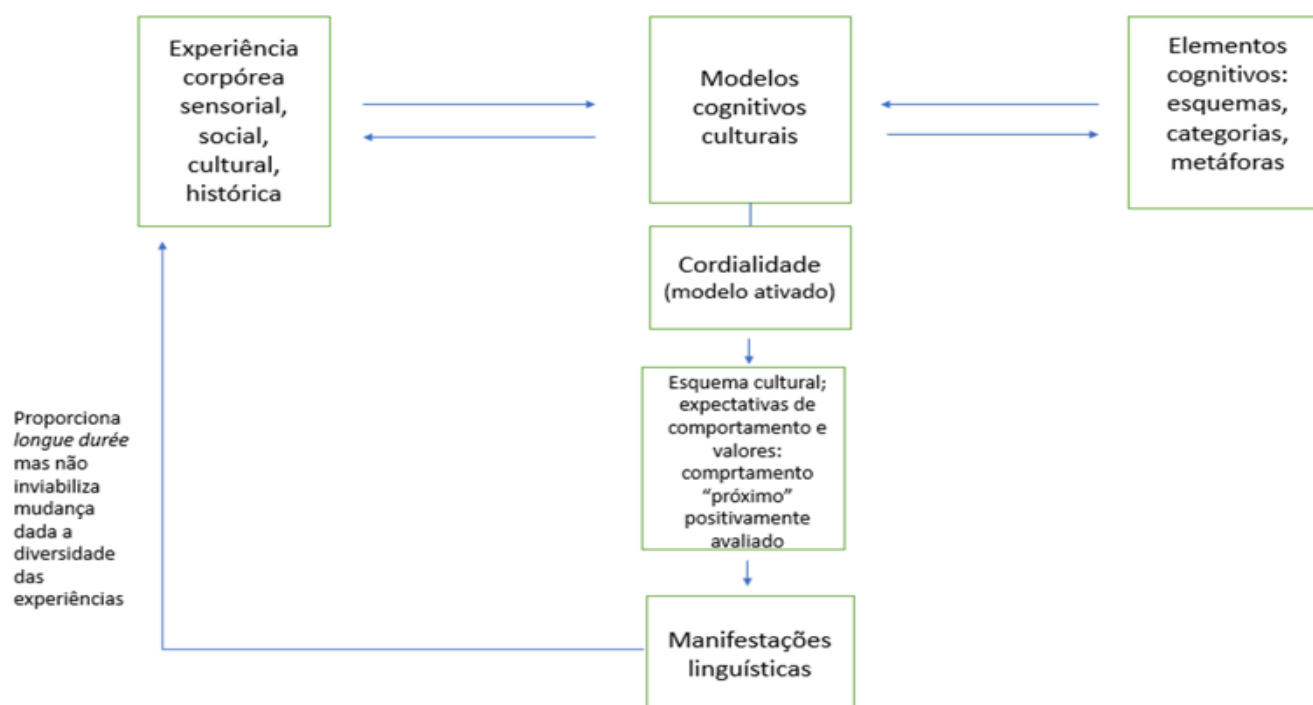
Se nos pedissem para criar uma imagem a partir da proposta de ativação de um modelo cultural que impregna de sentido os elementos dados à experiência, proporíamos que se imaginasse um coador cujo tecido que filtra fosse feito de um sabor próprio de açúcar, ou de um corante, de tal forma que aquilo que por ele passasse se tornaria adocicado ou adquiriria certa nuance de cor. O “doce” é apenas um dos sabores com os quais a realidade pode nos aparecer. Os modelos culturais podem ser tantos, e diversamente compartilhados, quantos os sabores ou cores que podemos imaginar para esse tecido. A cordialidade seria uma dentre muitas maneiras de experimentar a realidade por um determinado “sabor”.

Outro resultado ao qual chegamos e que merece destaque refere-se ao desenvolvimento da proposta do papel da linguagem e da língua na codificação do que normalmente se chama concepção de mundo. Como proposto, a linguagem, além de um repositório da cultura, está ligada à construção do sentido, em um papel mais ativo, de organização do mundo ou, antes, de nossa percepção do mundo (HUMBOLDT, 2006), acionando um modelo cognitivo, uma visão de mundo (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013). O próprio modelo cultural emerge de conceptualizações individuais negociadas e renegociadas comunicativamente (SHARIFIAN, 2011).

Ampliada a reflexão de Müller (2008), o modelo cultural é linguisticamente ativado e, uma vez ativo, com ele pode-se filtrar e impregnar de sentido, como em Ibarretxe-Antuñano (2013), interpretando as experiências na interação e fornecendo experiências significativas à interação. Se “o mundo como o experimentamos

é sempre o produto de alguma categorização e enquadramento anteriores por nós e por outros” (KÖVECSES, 2010, p. 745, tradução nossa)⁷⁰, o mundo é produto de conceptualizações coletivas e de modelos culturais. A linguagem, por seu papel cognitivo e por sua relação íntima com o modelo cultural, é elemento constitutivo da realidade fenomênica das coisas como nos aparecem, carregando o sentido o qual e pelo qual vamos perceber as “coisas do mundo”. Carrega, pois, os sentidos pelos quais se impregnam as percepções. O que Ibarretxe-Antuñano (2013) chama de *culture sieve* aqui entendemos como *cultural model sieve*. A diferença básica está no esclarecimento quanto à concepção de que um mesmo indivíduo compartilha com outros mais de um modelo cultural, compartilhando também mais de uma “peneira perceptiva” que pode ser ativada na interação. Na Figura 12 apresentamos, na forma de um esquema, a relação entre a cordialidade, como modelo cultural, e a realização linguística.

Figura 12 – Cordialidade como conceptualização cultural do tipo modelo cultural



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

⁷⁰ The world as we experience it is always the product of some prior categorization and framing by ourselves and others.

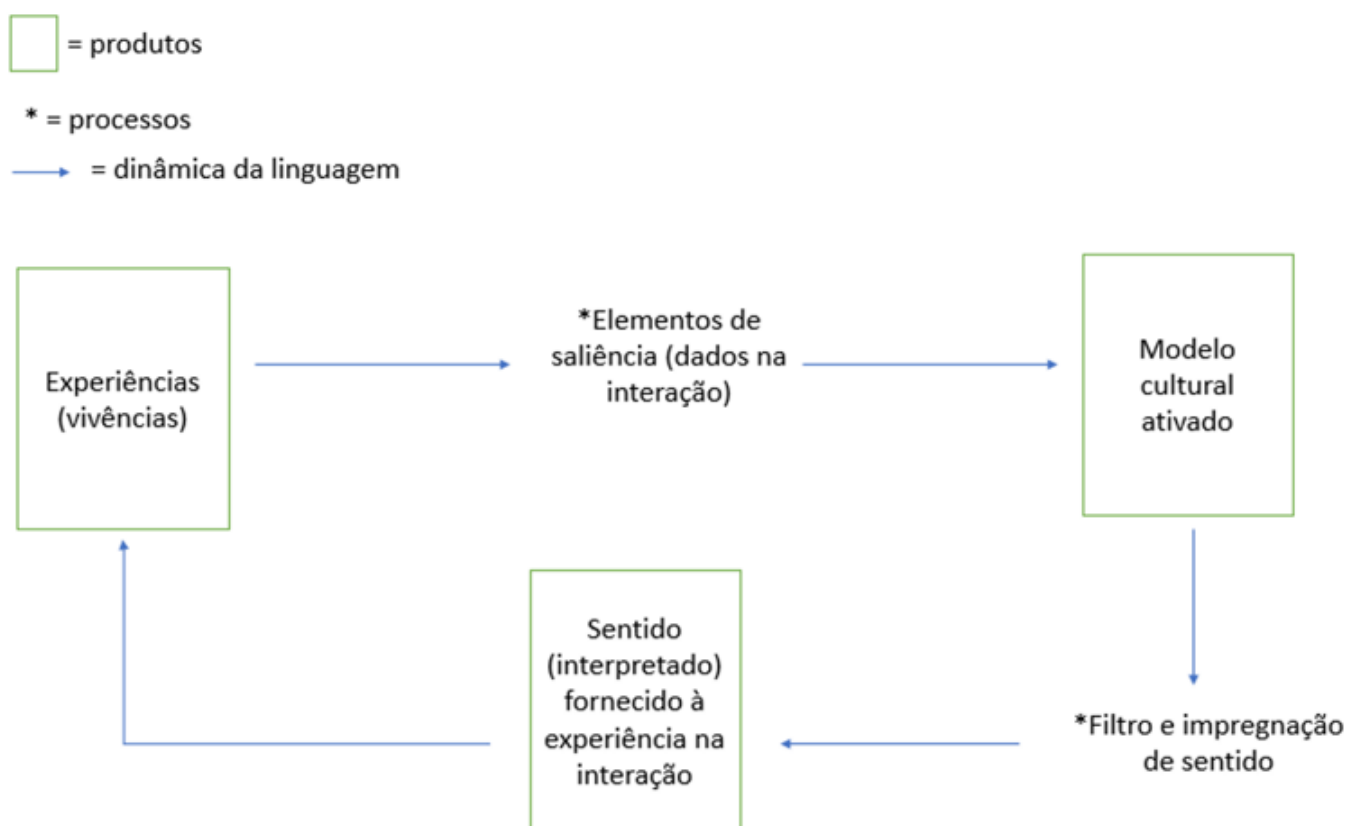
Especificamente sobre a língua, em nosso modelo, aquilo que é tratado por mudança linguística traz não apenas o registro de mudança de conceptualização cultural de *longue durée*, mas também elementos que ativam essa conceptualização e significam o discurso e as vivências corpóreas sob a malha de um modelo cultural. Em última instância, a “visão de mundo”, uma perspectiva cultural das experiências vivenciadas, da realidade, emerge de conceptualizações individuais negociadas e renegociadas comunicativamente (representado na Figura 12 pelas setas em duplo sentido).

A cordialidade é um modelo cultural e o fenômeno de cooptação de *seu* para 2ª pessoa é um de seus registros, sendo, por isso, um de seus elementos ativadores gramaticalizados⁷¹ cognitivamente. A própria linguagem é um produto e um processo da cognição. Como produto, reflete a estrutura cognitiva, as experiências corpóreas, mas também, como processo, ativa modelos culturais na interação e participa, assim, da construção do sentido de nossas experiências. Em última instância, sob esse aspecto, participa da construção fenomênica, perceptiva, do mundo ao nosso redor.

Na Figura 13 ilustramos, na forma de um esquema, o fluxo entre linguagem, processos mentais e nossas experiências de vida:

71 Com Langacker (1987) e outros, por “gramaticalizado” entende-se o termo que é do inventário de construções linguísticas organizadas conceitualmente.

Figura 13 – Ativação do modelo cultural e produção de sentido



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Como dito anteriormente e agora ilustrado pela Figura 14, um modelo cultural também funciona como um “coador” ou “peneira” que filtra os elementos dados ao mesmo tempo que os impregna de sentido (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013), interpretando e fornecendo dados à experiência vivida, em um movimento duplo. Uma vez que os membros de um mesmo grupo compartilham diferentes modelos culturais, a linguagem possuirá um papel duplo e essencial na ativação do modelo cultural pelo qual a experiência será “peneirada”. A própria realização linguística resultante realimenta o sistema. Por meio de gestos e/ou mesmo de elementos linguísticos como uma forma de tratamento associada à escolha do pronome, a linguagem e a língua elegem elementos que servem como chave do processo de ativação do modelo. A linguagem tem papel ativo na construção dos sentidos do mundo que nos cerca, estando intrinsecamente ligada à cultura nesse processo.

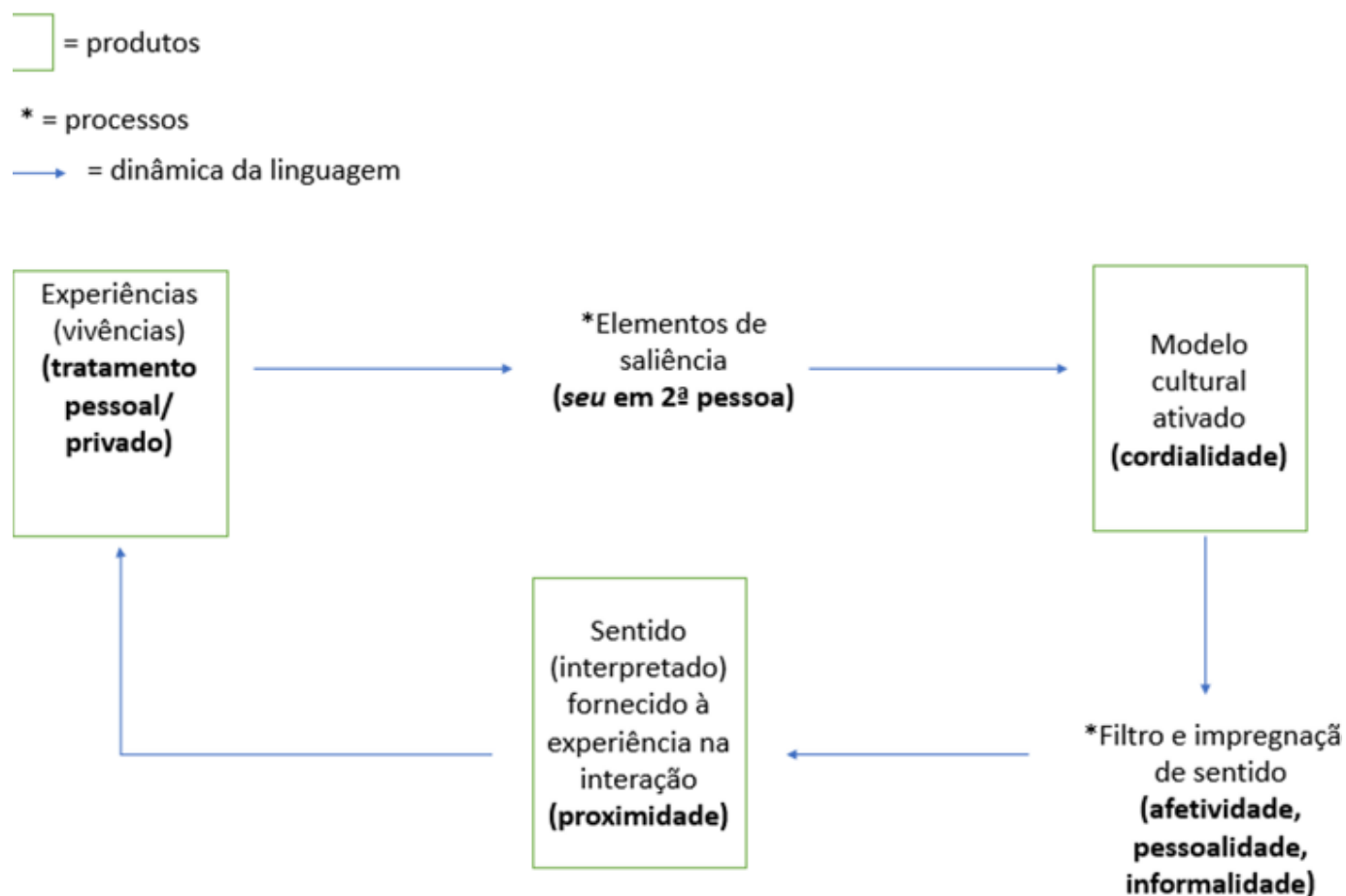
De acordo com Velozo (2013), as palavras orientam a construção do significado, continuamente produzido a partir de interações de estruturas cognitivas e modelos culturais compartilhados:

O significado é entendido, portanto, como uma construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais. Sob essa ótica, acredita-se que as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido. (VELOZO, 2013, p.76)

Propomos, como já amplamente alegado, que a cordialidade é uma conceptualização cultural, do tipo modelo cultural, que emerge dos membros de um grupo pela e na linguagem, comunicativamente, onde também é ativada. O modelo cultural seria como a internalização de aspectos da cultura dada/manifesta/percebida na experiência. Por esse modelo cultural também se “peneira” a realidade vivenciada, ou seja, filtra e impregna de sentido a vivência experienciada. A realidade que percebermos seria resultante do filtro dessa internalização.

Na Figura 14 vamos aplicar o que já foi exposto sobre o uso de *seu* como 2ª pessoa, quer dizer, *seu* cooptado para a 2ª pessoa, por melhor se adequar a um modelo cultural que busca a proximidade, a pessoalidade:

Figura 14 – Ilustração do processo de ativação do modelo cultural pelo uso de *seu*



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A Figura 14 apresenta o fluxo em que se dão os processos e produtos da ativação do modelo cultural, conforme proposto. As setas representam esse fluxo comunicativo. A mudança de *teu/seu* estudada manifesta uma mudança de conceptualização cultural quanto às experiências vivenciadas de tratamento interpessoal. O uso do possessivo *seu* na 2ª pessoa, em contexto menos formal, pessoal e afetivo, pode ser concebido como um dos elementos de saliência de ativação do modelo cultural, que ativa cognitivamente o modelo na interação comunicativa. A partir dessa ativação, em um processo de filtragem e impregnação de sentido, a realidade é interpretada conforme as propriedades semânticas do modelo cordial.

Se a cordialidade é um modelo cultural, seria ela um fenômeno

exclusivamente brasileiro? Parece-nos problemático falar em exclusividade, mais que isso, equivocado. Falarmos em termos de um modelo cultural, compartilhado por comunidades de fala, que conceptualizam mais ou menos da mesma forma, parece plausível. Lembremos: como modelos culturais não são exclusivos nem hegemônicos em uma comunidade de fala, podem ser compartilhados por várias delas; dessa forma, as pessoas podem ter maior ou menor participação em determinado modelo cultural. Então falemos de uma visão de mundo cordial, um modelo cultural cordial, o qual pode também ser observado em maior ou menor grau entre membros de comunidades de fala que conceptualizam mais ou menos da mesma forma. Por ser emergente e distributiva, a cordialidade é, afinal, prototípica, havendo graus de cordialidade, posto que o modelo cultural não é igualmente compartilhado pela comunidade de fala.

Como os dados ilustraram, usamos formas de tratamento como *senhor* para expressar maior ou menor grau de formalidade, conforme o contexto, e marcamos isso pelo termo que o acompanha, se título ou primeiro nome. É bom lembrar que, apesar de não ter sido foco deste trabalho, o uso de *senhor*, quando se quer manter a formalidade, relaciona-se para autoridades constituídas e também para faixas etárias diferentes, sendo direcionado ao tratamento de pessoas mais velhas, fenômeno apontado em estudos anteriores, como o de Ramos (2011).

A preferência no PB pela aproximação fica mais clara se a compararmos com outras línguas, cuja opção mais saliente é pela marcação da formalidade e, conseqüentemente, pelo distanciamento. Podemos relembrar exemplos bastante conhecidos, três inclusive mencionados anteriormente, cuja sistematicidade de formas de tratamento que expressam hierarquização é mais significativa que em PB: 1) *Sie*, forma pela qual, em alemão, se marca formalidade e impessoalidade na forma de tratamento, usado para mostrar

respeito, polidez ou se dirigir a quem não se conhece⁷²; 2) *Vous*, forma pela qual em francês se marca formalidade e impessoalidade na forma de tratamento⁷³; 3) *Lei*, de cortesia, forma de tratamento em italiano que marca a não-intimidade e uma forma cortês comum com estranhos⁷⁴ e 4) uso não reflexivo dos pronomes oblíquos tônicos *consigo/se* em PE. Por exemplo, *Em breve estarei consigo*.

Nesse uso há algo interessante a se notar: temos a 3ª pessoa migrando para uso de 2ª, à semelhança de *seu*; entretanto, nesse caso, manifesta-se propriedade semântica oposta, isto é, o uso de *consigo*, mais formal, em lugar de *contigo*, que seria o de maior proximidade (TEYSSIER, 1989). Aqui ocorre o que é esperado se levarmos em conta a intuição de Benveniste (1966): a 3ª pessoa como recurso de distanciamento.

Registra-se que estamos cientes da ocorrência do uso do pronome clítico *lhe*, de 3ª pessoa, como complemento de 2ª pessoa em algumas regiões do nordeste brasileiro (Alagoas, Pernambuco e Bahia) e do Rio de Janeiro como marca de formalidade. Quer dizer, o uso da 3ª pessoa como recurso de distanciamento, a exemplo do citado em PE, e em oposição ao observado em PB quanto à variação/mudança *teu/seu* (GAMA, 2018, p. 111), o qual estaria inclusive em desuso no Rio de Janeiro em razão da formalidade que representa (RAMOS, 1998 *apud* RUMEU, 2015, p. 88). A esse respeito observamos que cada fenômeno é único em seu processo

72 Interessante notar que a Dra. Adriana Fernandes Barbosa, em vídeo conferência em 5/12/2020, apontou recente fenômeno que pode estar em curso no alemão e que envolve certa flexibilização do uso de *Sie* e de *Du* (forma mais formal e mais pessoal de tratamento, respectivamente), o que também é apontado em matéria do Portal DW (disponível em <https://www.dw.com/pt-br/sie-ou-du-quando-usar-o-tratamento-formal-ou-%C3%ADntimo-na-alemanha/a-16494417?maca=pt-BR>, acessado em 18/3/2021). Podemos então talvez dizer que o fenômeno de “pessoalização” e “afetivização” da língua pode não ser exclusivo do PB, mas nele estaria em processo mais adiantado.

73 Portal Larousse. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/vous/82569>. Acessado em 18/3/2021.

74 Interessante notar que no século XV *Lei* foi usado como *Vossa Senhoria*, marca de hierarquia. Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani S.p.A. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/lei/>. Acessado em 01/05/2021.

de variação/mudança: um mesmo fator pode impactar de maneira distinta diferentes processos e também se deve considerar que um modelo cultural é heterogeneamente distribuído.

Para finalizar, ainda que heterogeneamente distribuído, parece-nos existir um modelo cultural de pensar e um olhar cultural sobre o pensamento. É isso que a intuição de Holanda nos aponta, em última instância, e são os indícios disso, pelo estudo da variação do pronome de 3ª pessoa em PB, que nos colocam ao lado os estudos da Linguística Cultural.